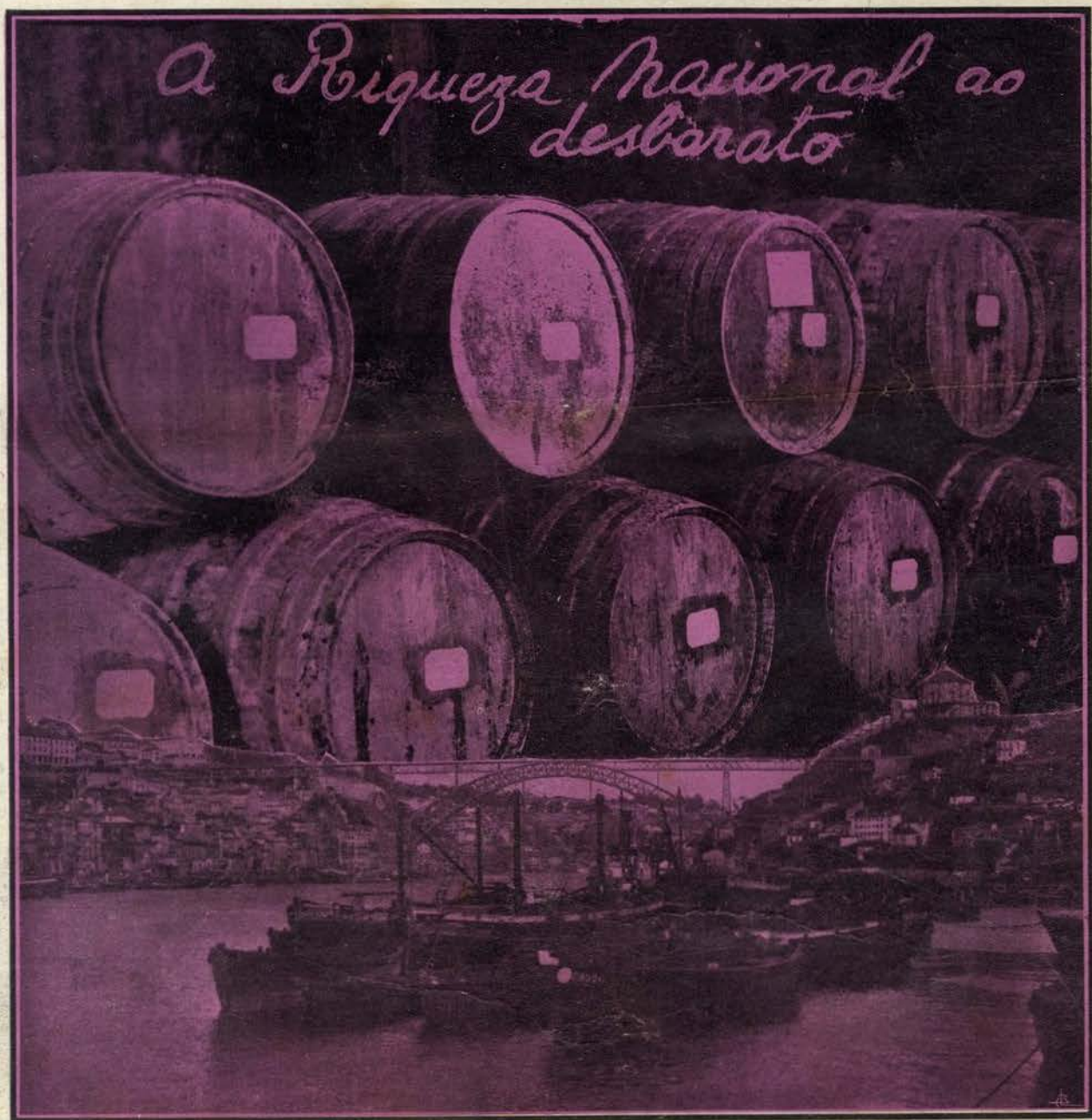


# reportagem

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NÚMERO: Homens & Factos do Dia — O crime da Pôça das Feiticeiras — A Escola Nautica de Sagres é uma invenção — O pão que nós comemos — O que está por detraz dos vinhos do Pôrto — Os Grandes Escândalos da T. S. F. — As hostes de Hitler — ¿A morte cura-se? — Viva a Liberdade (conto), etc., etc.

# ESPECTACULOS

DO PORTO

## TEATROS

**Sá da Bandeira** — Tristezas não pagam dívidas. Não deixem de ir ver esta desopilante revista «Desculpa ó Caetano». Brilhante criação dos actores Vasco Sant'Ana e António Silva.

**Carlos Alberto** — Com grande successo a Companhia Luísa Satanela apresenta a revista em 2 actos «Sape Gato».

## GINEMAS

**S. João** — Reapareceu o célebre cómico francês, Duvallès, no seu primeiro filme falado em francês, «Maré de Sorte», com Mona Goya.

**Trindade** — Não se esqueçam. **Sempre os melhores filmes.** A formidável super-produção, em que apparecem pela primeira vez no Cinema os grandes artistas John Barrymore e Lionel Barrymore, «Arséne Lupin».

**Olympia** — O filme mais discutido até hoje «Raparigas de uniforme», interpretado só por mulheres.

**Batalha** — A lindíssima opereta «O meu último amor», com o célebre tenor José Mojica.

DE LISBOA

## TEATROS

**Nacional** — Com êxito a comédia em 3 actos «O homem das calças pardas».

**Politeama** — A linda e aplaudidíssima revista popular «A Viela dos Gatos».

**Avenida** — A sensacional peça policial em 3 actos «Arséne Lupin».

## GINEMAS

**S. Luís** O clou da temporada «I. F. 1 não responde», com Jean Murat e Danièle Parola.

**Condes** — O grande êxito da semana «Os 3 Mosqueteiros».

**Odeon** — Um filme que vai arrebatar tôdas as mulheres. «O pecado de Madelon Claudet», com Helen Hayes.

**Tivoli** — Uma grande super-produção da Metro, «Os meus meninos», com a genial artista Mary Dressler.

**Central** — 2.<sup>a</sup> semana da lindíssima opereta «Não quero saber quem és...», com Liane Haid.

**Palácio** — A super-produção «O Pecado de Madelon Claudet».

J. GOMES.

# reporter

Propriedade de EDIÇÕES X LIMITADA

Director e Editor

**REINALDO FERREIRA**

(REPORTER X)

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E

: : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS

: ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS :

Sai às sextas-feiras e é pôsto à venda simultaneamente em todo o país

Redacção, Administração e Publicidade

Rua Sampaio Bruno, 12-5.º

PORTO

Comp. e Imp. na Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, Campo Mártires da Pátria, 144 - A - Porto

3 meses — série de 12 números

Esc. 11\$50

6 » — » » 25 »

Esc. 22\$50

12 » — » » 52 »

Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADIANTADO

### Retiro da Palmeira

**Cândido P. de Faria**

Travessa de Passos Manoel, 36  
Lugar aprazível no centro da cidade  
Telefone, 5824 — Porto

A única casa dos petisqueiros à portuguesa. Vinhos da procedência. Pratos de ocasião.  
PREÇOS MÓDICOS ABERTO ATÉ ÀS 2 HORAS

### CASA PACHECO

Chá, Café e Merceria fina. Vinhos do Porto, licorosos e champanhes. Bolachas e Conservas

**Carlos Coimbra Pacheco**

Praça de Carlos Alberto, 126 — PORTO

Telefone, 2898

### DROGARIA

DE

**Domingos José Gonçalves Moreira**

23, PRAÇA DA UNIVERSIDADE, 24

(Antiga Praça dos Voluntários da Rainha e Parada Leitão)

PORTO

Telefone, 2287

DROGAS, PRODUTOS  
QUÍMICOS E FARMACEUTICOS.

PERFUMARIAS

NACIONAIS E

ESTRANJEIRAS

### TRANSPORTES COSTA RAMOS

Séde:

Rua Guerra Junqueiro, 7  
Telefone, 1854  
PORTO

Agência:

Rua de S. Julião, 34  
Telefone, 7200  
LISBOA

### Aucindio dos Santos

: : ARQUITECTO : :

Projectos — Orçamentos — Fiscalização

Rua de Sampaio Bruno, 12-3.º — PORTO

TELEFONE, 952

### BREVEMENTE:

## Memórias de um ex-morfinómano

Livro de sensacionais revelações

Pelo **REPORTER X**

Pedimos aos nossos leitores da província, para fazerem já os seus pedidos

**FIZEMOS** desfilar por estas páginas, há pouco ainda, o cortejo angustioso dos «pequenos mártires do trabalho», das crianças bestas-de-carga, das minúsculas criaditas de servir que mourejam como escravas — evocando os seus calvários de Dór, as suas existências, precocemente trágicas, toda a inquisição de torturas em que o egoísmo dos maiores sacrificam os seus corpiños de boneca — e as suas almas inocentes. Mas mal desviávamos o olhar dêsse frizo afitivo — outro calvário humano feriu a nossa sensibilidade e nos despertou a mais piedosa das revoltas: o das «mulheres-mártires do trabalho»; o das «mulheres bestas-de-carga...»

¡Combatemos a escravatura nas Áfricas, agitam-nos num alvoroço colectivo e nobre quando descobrimos que um senhor britânico ou holandês, nos confins da Índia ou em qualquer ilha do Pacífico se esquivou a conceder um direito ou sujeitou a uma tirania o indígena, seu servidor; criamos sociedades protectoras dos animais que mandam prender e castigar todo o homem que, abusando da sua força de rei da criação, obrigue os cavalos a esforços cruéis ou que, os chicoteie com violência; aplaudimos, com generoso orgulho, os inventivos da máquina, do motor, porque o motor e a máquina vieram arrancar a besta da escravatura das cargas, do látigo e dos varais — e assistimos sem uma comoção, sem uma revolta, miseravelmente indiferentes, ao espectáculo degradante da mulher escrava dêsse mesmos trabalhos de que as bestas se libertaram!

Nunca defendemos a «mulher-objecto de luxo», a mulher inutilmente bela, a mulher-prazer-estéril, a mulher madraça pelo direito da sua coqueterie e dos seus encantos físicos ou pelo preço humilhante das suas transigências amorosas. Conhecemos mundo suficiente para lhes dar o seu preciso valor social, para aprovarmos a sua dignificação pelo trabalho, para a aceitarmos, ao nosso lado, em qualquer trabalho da Vida. Fomos sempre contra a educação monástica da mulher ibérica, contra a sua clausura de ave inactiva, contra os pretextos das péugas a coser — como explicação do seu passivismo na rodagem da grande maquinaria da actividade humana. Várias vezes apontamos as mulheres dos países civilizados, as francesas, as alemãs, as inglesas, o seu heroísmo na «batalha do pão nosso», a sua colaboração, intensa e inteligente com o homem, no diarismo convulso das grandes cidades — sem que, porisso, os seus lares sejam menos cuidados, nas necessidades positivas domésticas, do que os nossos, sem que os seus maridos ou seus filhos andem com as péugas esburacadas, sem que aos seus meninos faltem os petiscos apetecidos...

¡Sim! A mulher pode e deve trabalhar. É um direito que conquistou e uma exigência da sociedade moderna que expulsa de todos os direi-

tos os que cometem a deserção às fileiras da luta. O trabalho é, após o amor sagrado e depois da maternidade — o papel mais dignificante da mulher. Mas — que lhe seja apenas exigido o trabalho compatível com o seu vigor, que não se lhe imponha um esforço, uma escravatura que é a degradação do seu corpo, que é quasi uma prostituição tanto mais dolorosa quanto é certo que representa um nobre sacrificio; e que nós, ó generosos protectores de animais, ó orgulhosos claqueurs da máquina — não consentimos nas bestas!

¡Mulheres dactilógrafas, engomadeiras, médicas, negociantes, guarda-livros, o que quizerem! Mulheres carregadores, mulheres — animais de carga — nunca!

Em todo o país se pode testemunhar, a diário, exemplos numerosos e sempre horríveis dessa escravatura. Do Algarve ao Minho — a pobre femea se queima em fainas impróprias do seu sexo, que a desfeiam, que a aviltam, que a envelhecem antes do tempo, que matam no seu corpo todos os frágeis encantos e que a excomungam do amor e até da maternidade. É um crime social, por elas, por nós, pela esterilidade



N.º 114 — ANO III

Sexta-feira, 17 de Março de 1933

REDACTORES NO PORTO

Reinaldo Ferreira (Reporter X)

Fernando Cal

J. Vieira Alves

Hugo Rocha

Guido Severo

Santos Pereira

REDACTORES EM LISBOA

Alfredo Marques | Noberto Araujo

Artur Portela | Sá Pereira

Jaime Brazil | Santos Vieira

tre já condenados e cujos ventres não conheceram nunca a satisfação duma fome completamente saciada!

¡Não são elas, as desventurosas heroínas de trabalho de bestas — as culpadas dessa degradação do seu sexo — e da própria raça! ¿Que hão-de fazer se não podem, se não lhe deixam conquistar doutro modo mais humano e digno o pão de cada dia e o pão dos filhos? ¡A culpa é da sociedade que permite — que lhe exige

este martirio sob a chantage da fome; a sociedade que lhe impõe este preço ao direito de comer — de comer apenas o suficiente para não morrerem de fome — essa mesma sociedade que, quando se servia do esforço das bestas as alimentava sem regateio, porque as bestas se recusariam a produzir o que delas necessitavam se lhes faltasse a palha e as mulheres de carga com pouco se contentam! A culpa é de quem as utiliza porque lhes sai mais em conta o trabalho duma mulher — do que o do homem e até o duma besta!

Um dia, em 1926, encontrando em Anvers o nosso velho amigo sr. Domingos de Mendonça — então o maior negociante de vinhos da Bélgica — apresentou-nos a um belga que, ao saber a nossa nacionalidade, desabafou connosco os mais amargos comentários sobre o que vira no nosso país:

«— Fui uma única vez a Portugal — disse — e juro que não penso lá voltar. Assisti, no cais, ao espectáculo mais impressionante e comovido de toda a minha vida. Os olhos embaciaram-se de lágrimas — e um ácido de revolta me obrigou a protestar em voz alta... Estava à descarga um barco de carvão — e uma fileira

# HOMENS

## &

# FACTOS DO DIA

### ESCRAVATURAS

a que as obrigam ou — o que é pior ainda, pelos estigmas fatais que imprimem nos filhos, quando estes triunfam do calvário das mãis. Mas onde essa ignominia colectiva (elas são apenas vítimas do meio) atinge proporções duma crueldade selvoagem é, sem dúvida, no norte.

¿Quem é que faz os carretos, às saídas das estações? Quem é que, nos armazens, nas lojas, nos escritórios, se encarrega dos transportes, dos carregamentos? Quem é que nos cais, realiza os desembarques ou embarques mais violentos? ¡As mulheres!

¡É vê-las passar, pobres criaturas de Deus, apoujadas com pesos inverosímeis à cabeça, as faces congestionadas, o olhar aparvalhado pelo esfalfamento, narinas dilatadas, o suor a perlar o rosto que o trabalho de besta afocinhou, o poscoço comprimido, as costas abauladas, as pernas a fraquejarem, calcurriando as ruas aos zig-zags, às vezes com um filho miúdo ao colo, enfezado, aborticio, chupando tristemente o seio caído e magro... É assistir ao cortejo das que transportam móveis, de extremo a extremo da cidade, em atitudes trágicas de mártires da Judeia galgando o calvário sob o péso do cruz — calvários que duram toda uma tarde, em penosa caminhada — para no fim ganharem como paraiso, o indispensável dum caldo e duma bróa para uma ranchada de filhos, vindos do seu ven-

## PORTUGAL E A CIVILIZAÇÃO

## A Escola de Sagres não passa duma invenção de alguns historiadores

O erúdito investigador Prof. Ladislau Batalha afirma que os navegadores portugueses saíram de vários pontos da costa algarvia, sem, contudo, deixar de enaltecer a figura grandiosa do Infante D. Henrique

NAQUELA tarde de terça-feira o calendário gorgoriano fizera já desfolhar a sétima pétala do mês de Março. A rua do Telhal, de pavimentos irregulares e mal iluminada era ainda uma reminiscência da velha Lisboa, suja e sem luz, de que Fialho nos fala em tom chocarreiro. Três dias antes as portas da Sociedade Nacional de Belas Artes recolheram a paleta mágica dos Mestres e a jornada histórica vestira *smokings* e *toiletes* de excitação sensual. Era uma noite Henriquina. Um novo investigador iria falar ali da personalidade do Infante D. Henrique e lançar a primeira pedra do monumento no Promontório de Sagres, de consagração das nossas epopeias marítimas.

Tem já as teias de aranha dos tempos a ideia da construção do monumento. Não é recente. Não tem novidade. É iluminada pelo verbo de um investigador, para rapidamente ser esquecida. E surge depois esplendorosa, quasi rejuvenescida, como um diadema florido de adjectivos à figura grandiosa do Conde D. Henrique.

Sagres, com seus mistérios, com suas pedras que o vento açoita e o mar inclemente corta, continua distante, para além de algumas fantasias, desdenhando dos homens e das quimeras, sobranceiro e arrogante, respondendo a algumas tolices, em uma quietude de herói vencedor, ou em trofeu merecido.

E a Escola de Sagres diluiu-se em encómios e numa pirotecnia vistosa.

¿ Sagres foi escola náutica de onde partiram os Barineis que trouxeram à civilização fachos luminosos, fogos-fatuos de progresso e de ciência?

¿ É uma realidade, ou por outra foi de uma existência objectiva a Escola de Sagres?

Os investigadores da época, os historiadores do Infante D. Henrique garantem a existência em Sagres de uma Escola que marca o início de um período florescente para o mundo moderno?

Mestre Teófilo Braga, polígrafo e dos mais erúditos investigadores, primeira figura do panteão das glórias históricas de Portugal garante, com a autoridade do seu nome e uma pirâmide de argumentos e citações que a Escola de Sagres está envolvida na película da fantasia de alguns historiadores.

O professor Ladislau Batalha, outro investigador notável, reliquia luminosa, acompanhou sempre o Mestre neste pensamento. E garante igualmente que a Escola de Sagres não passa duma invenção, visto que não há o menor

elemento de investigação a justificar aquela realidade.

Estas razões, a autoridade do nome de Ladislau Batalha, levaram-nos à Rua do Telhal, a uma casinha moderna, limpa de ideias, arejada de espiritualidade.

O professor Ladislau Batalha jogava o xadrez com sua esposa, dois velhinhos, que pareciam dois pombinhos arrulhando. Os seus



Professor LADISLAU BATALHA

setenta e sete anos não lhe cremaram o espirito vivo, e uma inteligência além da mediania, quasi nos não deixa acreditar que tivesse atingido o limite de idade.

Lecciona ainda. Todos os dias vai dar as suas lições. Escreve ainda, é o mesmo escritor brilhante. Concluiu há pouco o seu último livro: «Gomes Leal na intimidade». A sua galeria vai ser enriquecida. Esta obra, que ninguém com mais autoridade poderia traçar — Gomes Leal viveu os últimos anos em casa de Ladislau Batalha — a personalidade do autor do «Anti-Cristo».

O professor Ladislau Batalha tem uma obra valiosa. Destaquemos ao acaso: «O Japão por dentro», «A Rússia por dentro», «Através do

Reino Unido», «O Negativismo», «História Geral dos Adágios», etc.

A entrevista faz-se na sala que serve de gabinete de trabalho ao professor. Pelas paredes retratos, em toda a dependência elegância e arte de *menage*.

Os anos não fazem fenecer os espiritos. Ladislau Batalha é um *moço* de espirito. Descirne facilmente. É de uma mobilidade mental estupenda. Descreiteia sem hesitações. E as suas narrativas são páginas formosas de literatura da nossa história.

— ¿ Por que estranha razão se fala agora no Infante D. Henrique?

E replicado o renascimento da ideia acrescentamos:

— V. Ex.<sup>a</sup>, há anos, em uma sessão pública realizada na Sociedade de Geografia pôs em dúvida a Escola de Sagres...

O nosso entrevistado quasi não deixou concluir a frase:

— O mesmo pensamento me acompanha ainda...

O jornalista procurou conhecer as razões que determinam essas dúvidas. E o professor Ladislau Batalha ilumina-lhe o espirito:

— Nenhum historiador da época se refere à famosa Escola de Sagres. Não há um único documento que faça a menor alusão a essa Escola.

— Mas a História...

— Perdão. A História canta as maravilhas da Escola de Sagres. Mas pela pena dos investigadores posteriores a essa época. Os cronistas da época falam apenas do Infante. Nada mais.

— ¿ Nesses casos, de onde partiram os navegadores?

— Os navegadores deveriam ter partido dos vários portos da costa algarvia nos seus Barineis, pois nessa época ainda não havia caravelas.

¿ É duvidosa a existência da Escola de Sagres, por esse motivo, não é verdade?

— Já estou velho e cansado. Falta-me já o fôlego para entrar em polémicas de fogo de barragem. De contrário não só poria em dúvida: afirmaria mesmo. E julgava-me honrado com o companheiro: o dr. Teófilo Braga.

O ilustre professor junta aos seus argumentos mais estes factos.

— ¿ Quer ver o meu caro amigo uma das razões porque não posso acreditar na tal Escola de Sagres?

E rápido, quasi fulminante, projecta pelo holofote das suas reminiscências esta informação:

— Quando foi comemorado o terceiro centenário Henriquino, a Sociedade de Geografia nomeou uma comissão, de que fez parte o

— CONTINUA NA PÁGINA 15 —

# O PÃO QUE NÓS COMIEMOS

**Uma Assembleia importante onde se fazem afirmações que convém registrar**



A Padaria da Rua de Cedofeita

**E**M 7 do corrente efectuou-se nesta cidade uma importante sessão pública, promovida pelo Sindicato dos Operários Panificadores do Pôrto e Arredores.

Além do representante da autoridade, assistiram à referida reunião delegados de quatro Juntas de Freguesia e de doze Associações de Classe de Lisboa, Pôrto, Braga, Gaia e Espinho. O público, cêrca de mil pessoas de tôdas as classes sociais, aplaudiu entusiásticamente os oradores que se referiram ao régimen de 8 horas de trabalho diurno, vélha aspiração dos operários panificadores.

O *Reporter X* não é órgão de nenhuma classe, mas sendo uma publicação popular feita por modestos obreiros da imprensa, vê com simpatia tôdas as justas reivindicações proletárias, e, ninguém pode deixar de concordar que o labor diurno nas padarias é mais humano e higiênico.

Porisso fomos à reunião pública, não dando por mal empregado o nosso tempo.

Falou-se da época ainda recente em que os consumidores eram obrigados a fazer *bicha* tôda a noite à porta das padarias, para adquirirem 800 gramas de pão mal fabricado, por um quilo. O Estado subsidiava, então, a moagem, motivo porque se chamava *pão politico* ao principal alimento da população portuguesa.

Posteriormente, obrigadas as vendedeiras a trazerem nos cabazes uma balança e um jôgo de pesos, os industriais compelidos a darem ao freguês a quantidade certa, passaram a fabricar dois tipos de pão. Um bem cosido, saboroso, outro embora da mesma massa, húmido, quási cru, para

pesar mais, que é aquêle que se vende ao cliente se este exige o cumprimento da lei.

Acreditamos que nem todos os donos de padaria assim procedam, mas há alguns que o fazem. Quem o afirmou em público, nobre e lealmente, foram os seus operários!

O pior é que muitos consumidores dando pelo fraude, passaram a encomendar o pão directamente nos estabelecimentos, mandando fazer bôlos ou cacetes.

Em face da reacção do público, nova artimanha é inventada, tocando as raias do inverosímil.

O cliente que faz encomendas raro exige o peso dêsse pão. Pois bem. O amassador recebe ordem de roubar 100 ou 200 gramas em cada um! Isto ouve-se e não se acredita...

Há um orador que afirma solenemente, prontificando-se a provar as suas revelações, que no Pôrto se come pão feito de lixo!

Cita um nome — Adriano Maia — potentado moageiro. Declara que na padaria mecânica que este senhor possui na Rua de Cedofeita à esquina da Rua dos Bragas, cuja gravura inserimos, se apanha a farinha que cai para o chão, varrendo-a para a adicionar nas masseiras, envenenando-se os consumidores.

Isto é muito grave... O *Reporter X* repete apenas uma parte do que ouviu, chamando a atenção das entidades que superintendem no assunto, para a gravidade de tais afirmações.

É a saúde pública ameaçada. São milhares de vidas em perigo. Crianças inocentes, homens válidos, mais carinhosas...

Outro orador — este de Lisboa — afirma que na capital do país a hygiene nas padarias não é maior. Declara que nos dormitórios dèstes estabelecimentos vivem em perene união sa-

grada todos os parasitas... Entretanto, continua, há estabelecimentos que dão mais de quinze contos mensais de lucro líquido arrancando aos consumidores e operários da panificação. Sendo assim, o pão pode ser vendido mais barato como oportunamente o organismo que representa — a Federação Nacional dos Operários do Ramo de Alimentação — demonstrará!

Ainda outro orador, diz que há no país mais de mil operários do seu ramo desempregados, porque não se cumpre a Lei do Horário de Trabalho.

São quatro mil bôcas que pedem pão. É a tragédia de viver sem recursos para sustentar a prole.

É impossível ao jornalista acompanhar a elequência dos diversos oradores. Limitamo-nos, porisso, a registrar aquilo que mais interessa às características do nosso jornal, órgão de combate, panfleto semanal, onde se registam fielmente todos os grandes acontecimentos da semana, e a reunião pública a que assistimos foi um verdadeiro acontecimento.

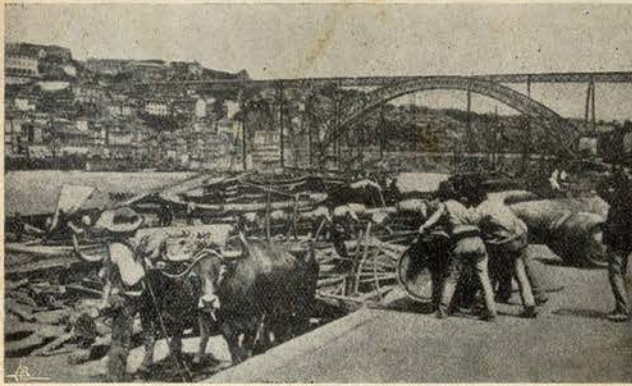
O resto não é da nossa competência.

Acreditamos que muito em breve sejam atendidas as reclamações duma classe laboriosa, porque elas são justíssimas.

*J. Vieira Alves*



Os organizadores da reunião



Descarga de Vinhos do Pôrto

**C**OMEÇAMOS e não pensamos em terminar este assunto antes de esgotar todas as opiniões — honradas — todos os argumentos, inteligentes — pelo menos inteligentes!

Ao tomarmos a atitude de defeza do Douro — não obedecemos apenas à impressão, funda e dolorosa, impressão de injustiça e de sacrifício de todo o povo de uma região, enobrecido pelo trabalho heróico; não nos sugestionou sequer, o interesse nacional em jogo e em risco; perseguimos uma linha de conduta, pessoal e jornalística, irradiada dos princípios mais firmes da nossa orientação social. Somos, fomos e seremos sempre pelos que produzem — embora em prejuízo dos que negociam... Entre o industrial e o comerciante, entre o lavrador e os que vendem o que a lavoura produz — não hesitamos.

Não apoucamos o valor histórico do comércio, na expansão dos povos, na resolução de todos os problemas políticos, económicos e geográficos. Se os povos se acercaram, se as distâncias se encurtaram, se os aviões povoam os céus — em muito o devem ao comércio. Mas — por amor de Deus! — Se grande é a dívida humana ante a acção dos mercadores, pode ela suplantar a obra das indústrias e da agricultura, no avanço da civilização e sobretudo na *importância humana dos povos?*

O problema ou os problemas do vinho do Pôrto e do Douro, não se limitam às fronteiras económicas de qualquer região. São nacionais — pertencem ao sistema arterial do país. Mas focando-o nos limites mais restritos — vemos, dum lado, toda uma população — milhares e milhares de famílias dum povo heróico na luta de séculos com a terra; dinastias inteiras e anónimas de gloriosos trabalhadores do vinho, cujos direitos a essa terra, a esse vinho, são cancelados por esse mesmo heroísmo e pelos longos, repetidos e angustiosos martírios, sacrifícios de toda a espécie, (entre tantos, o mais frequente é o da fome); e do outro lado os interesses, indiscutivelmente respeitáveis de uma classe — mas uma classe inferior em número, inferior por muitos outros motivos — e que, sobretudo, não é mais do que uma classe e não um povo.

Se floreteamos a pena nesta malfadada

questão, se procuramos holofotear sobre a justiça do Douro toda a luz de que dispomos — cumprimos um dever de coerência e um

dever de consciência. E dito isto — cá por causa de uns zuns-zuns varejeiros e mal intencionados — continuemos o inquérito.

“Pôrto., e... “Port.,

O nosso entrevistado de hoje é dos que mais a fundo mergulhou em todos os mares do problema. Espírito vivo e culto, especializado no assunto — e há muitos anos — pertencendo a uma dinastia ilustre e nobre de velhos batalhadores da causa, jornalista distinto — ele vai-nos revelar aspectos inéditos e eloquentes — da questão em debate.

— «Vamos por partes! — declara o nosso entrevistado. — Antes de entrarmos no capítulo dos vinhos do Sul, dos seus direitos e dos *nostros*, falemos do monopólio O Douro tem, legitimamente, o monopólio universal dos vinhos do Pôrto. Quanto mais garantido estiver o monopólio — mais se valorizam estes vinhos. É que a palavra *Pôrto* — ou mesmo *Port*, enfeitiça-se como uma magia em todos os mercados. *Tarragona-Port*, os vários *Ports* que saem da Espanha, da Itália e da Grécia — vendem-se porque... são *Port*, porque recordam o nosso vinho do Pôrto — embora sem o mínimo direito para o fazerem. Os próprios vinhos australianos e da África do Sul esgrimem a palavra *Port*, para conseguirem que os governos lhes concedam todas as regalias. Contudo, a palavra *Port*, não conseguiu destronar o *Pôrto*, autêntico, o nosso, o do Douro. E a prova está nesses que acabo de citar: Nos da Austrália e África do Sul. Os seus preços não podem ser mais vantajosos para os compradores ingleses! A sua concorrência, neste campo, seria esmagadora — se... se o que se diz a nosso respeito fôsse verdade! Basta dizer o seguinte: se oferecermos a esses importadores ingleses o nosso vinho de graça eles podiam responder (e sem mentir) que os *tinham mais baratos!* Pudera! O nosso paga de entrada, 46 libras — o australiano custa-lhes 28 apenas, e o seu governo ainda lhes concede um bonus de 9 libras! E nem mesmo assim o *Pôrto* deixa de se vender em Inglaterra! Porquê? Porque é *Pôrto!*

## CONTINUANDO NA O que está por

Revelações sensacionais. «Emquanto atingem o

«Outro êro o teimarmos na preferência da exportação dos vinhos chamados de «Lord», ou seja dos *caros*. A exportação devia visar, especialmente, os vinhos *baratos* — porque o vinho *barato* não significa ordinário»...

### A razão do monopólio

«— Estamos agora na alma da questão actual: A dos vinhos da Extremadura. É falso que o Douro pretenda impedir a exportação desses vinhos — ou os de outra qualquer região! Em que nos prejudica que a Extremadura ou outra região, demarcada ou não, valerize os seus vinhos, os exporte, conquiste mercados? Essa nova exportação só podia convir aos interesses do país — e o Douro está dentro de Portugal! O que o Douro não pode é cruzar os braços ante a ameaça que representa o desastre máximo para si e para os seus vinhos, um desastre injusto, imerecido.

«Se os vinhos do Douro vivem do monopólio universal que gozam; se o único perigo que pode prejudicá-los é o da concorrência desleal ou seja dos falsos *Pôrtos*; se a nossa política externa trabalha actualmente e trabalhou sempre para garantir a origem desses vinhos e por combater as falsificações; se a defeza única dos estrangeiros é a denúncia de falsos *Pôrtos* que nos são atribuídos — como pode o Douro assistir, sem protesto, à legalização de novos falsos *Pôrtos*, falsos com chancela de bons — saídos de Portugal? Que os estrangeiros fabriquem *Pôrtos* para concorrer com os nossos e prejudicar uma das mais gloriosas e fortes fontes de receita de exportação portuguesa — compreende-se embora não deixemos de os combater com toda a energia! Mas que sejam os próprios nacionais a fazê-lo e a exigir uma sanção legal — é que não nos parece razoável — nem justo!

«A marca do vinho do Pôrto não se decretou. Fêz-se! Criou-se! Acreditou-se! Ganhou fama, nunca se deitou a dormir e conquistou clientela! Concorreu com todas as outras marcas nos mercados mais difíceis — e venceu sempre! Deslocou todos os concorrentes — e em breve trecho passou a ter um valor comercial indiscutível! E tanto assim que, ante a importância enorme da sua exportação e o seu peso na economia nacional — os governos começaram logo a cuidá-la, a evitar, a todo o preço, que se cometessem actos que a apoucassem ou abandalhassem; a evitar,

Firmavam-se assim os seus anseios de preponderância — bem comprometida convenhamos — mas, enfim, grata às acalentadoras miragens do atrevido asnático. ¡Estava lançado!...

E a paternidade do *ilustre colega* pertence à *Rádio-Ciência* — revista onde «ê!» se «fez»...

Tablau!

\* \* \*

¡Estamos daqui a vêr a surpresa que o bom leitor acusa no rosto, depois de verificar no que veio dar o homenzinho!

Nós, porém, que o soubemos tipógrafo em época muito mais recuada, achamos naturalíssimo a sua inclinação para as belas letras. Foi costume que, certamente, lhe ficou do tempo em que limpava os caixotins do tipo nas oficinas em que trabalhou...

¡A audácia tem um limite — a consciência bem formada de cada um, a honestidade enfim!

Por isso, pasmamos que, desajudado, lhe suportem a prosa na Revista-burla que ora dirige...

É que o pluminivo reles, vergonha arripiante de uma classe culta, laboriosa e honesta em forte maioria, escrevia e escreve assim:

«Quantas vezes o modesto amator que quer, mas porém não pode realizar as suas aspirações, e que sonham gozar as emoções de transmissão, mas o escudo *impelacável* se nega, e muitas das vezes outros amadores os assustam com despesas extraordinárias (muitas das vezes imaginárias) que dizem custar as suas transmissões.»

Que *mimo* de gramática, concordância, pontuação, ortografia e estilo!

¡Como autores desta reportagem, possuímos um *dossier* completo de trechos deste género, que oferecemos a quem meta ombros à instituição do Museu da Asneira Nacional!

É um tão *culto* cidadão quem dirige hoje uma revista de T. S. F., nunca assinando o que escreve!

Consentem-se exemplos destes: À frente duma publicação, a ignorância de braço dado com o plagiato!

Espalhafatosamente ridículo, toca as raias do inverosímil...

¡Que miséria!

\* \* \*

Há mais ainda: Sua Ex.<sup>a</sup> quis dar-se ao luxo de ter em casa uma emissora. Nova ambição a martelar-lhe o cérebro granítico...

¡No entanto, conseguiu montar um pequeno e rudimentar *posto experimental* (concordemos que para um «técnico» a designação é apropriada!) — e pronto: Ei-lo a emporcalhar o éter, atirando para êle, através do impassível

e frio microfone, as maiores barbaridades em francês e espanhol de apavorar!

Deixamos aos nossos leitores calcular o apreço em que os detentores cultos de postos estrangeiros com quem porventura comunicar, ficarão tendo a mentalidade portuguesa...

¡A repugnância pelo descarado sem escrúpulos sóbe de ponto!

\* \* \*

No próximo número concluiremos esta reportagem real, sincera, sem sofismas nem mentiras.

Deixamos escrito, sucintamente, como o farçante subiu a *jornalista* e *proprietário* de uma *estação emissora*!

## As hostes de Hitler

O ideal é uma aspiração vaga que lateja no fundo da alma humana. Muitas vezes acontece que a camada de interesses sobreposta é tão espessa que o indivíduo não chega a sentir o ideal.

É claro que o ideal a que me refiro não é o de satisfação pessoal, embalador



Hitler, o ditador

da vaidade e do orgulho, e que na verdade se chama egoísmo — é o ideal transcendente que nasce no coração do homem e faz com que êle se dê à humanidade, numa abnegação incondicional e ilimitada.

Este é o verdadeiro ideal, flôr de beleza incomparável, ascensão triunfal para o infinito.

Afligem a actual humanidade inúmeras crises, sendo uma das principais o erro de visão.

O prisma por que muita gente vê o ideal querendo condicioná-lo aos interesses materiais, desde o indivíduo à nação, é um prisma errado que tem levado o mundo a tremendas calamidades.

Visto que os homens precisam uns dos outros e a vida isolada, quer do indivíduo quer da nação, é impraticável, nesta procura de bem-estar, temos de partir do composto para o simples e não vice-versa.

Em primeiro lugar teremos em consideração o bem-estar da humanidade; esta é que deve ser a nossa verdadeira e grande pátria. A seguir tratar-se-á do bem estar das nações, e assim sucessivamente, até o indivíduo.

Completaremos com o relato singelo, mas exacto, da mistificação que o atirou para *Director (!)* e *proprietário único* de uma revista que era doutro também.

Radiofonia se chamava ela antes do golpe; com o título de *Revista Radiofonia* corre hoje impressa!

No próximo número:

Como se fundou a *Revista* — *Lutas entre a Honra e o Crime* — *A urdida abominável da burla* — *Sua efectivação* — «Processos» jornalísticos recomendáveis... — *Enfim...* «O senhor *Director*» ou o triunfo dum charlatão.

Tem-se feito justamente o contrário, subordinado a colectividade ao indivíduo, e daí têm resultado grandes males, que se pretendem remediar reíndindo teimosamente nêsse erro.

O indivíduo dentro do país arroga-se o direito de fazer o que lhe aprouver sem querer respeitar a harmonia do conjunto nacional. A nação por sua vez julga-se também com direitos ilimitados e não quer saber se prejudica os outros povos, que também têm direito à vida.

As hostes de Hitler são, nesta conjuntura um sintoma. Sintoma do erro reincidente, do mal que não quer morrer e recorre ao embuste para conseguir o triunfo.

Ainda devia estar na memória de todos essa impressão horrorosa da catástrofe que começou em 1914, cujos efeitos pavorosos ainda hoje, quasi 19 anos volvidos, estamos sofrendo.

Mas já não está; e parece que uma onda de demência se vai infiltrando nos cérebros, pois doutro modo não se explica a constituição e existência de tam agueridas hostes, criadas e alimentadas pelo espírito de *rèvanche* daqueles que, tendo premeditado a guerra de 14, foram os autores da própria derrota, e agora, em nova premeditação, pretendem subverter consigo a humanidade e a civilização.

D. Quixote.

**CALCINITE**

O MELHOR HIDROFUGO PORTUGUÊS

Evita absolutamente a humidade e salitre nos prédios

Enviaremos amostra grátis se V. Ex.<sup>a</sup> desejar fazer uma experiência

Queira informar-se do seu módico preço

**DROGARIA CARVALHO**

Rua do Almada, 448 — PORTO

TELEPHONE, 5242



O Hospital de Viena, onde foram feitas as experiências

O leitor viu o título desta reportagem; sorriu e passou adiante. Podia lá ser? Curar-se a Morte?! Dar vida a um cadáver!... Positivamente o jornalista não tinha mais nada que escrever, como se os assuntos não viessem direitinhos ao reporter, e o reporter não fôsse direitinho aos assuntos... Que imaginação! Que fantasia! Que atrevimento!...

E só agora, esgotada a leitura de todo o número, o amigo leitor condescendeu em ler o meu arrazoado, a reportagem que diz, afinal, ser curável a Morte... Mas enganou-se. Como vai vêr não se trata de qualquer fantasia e muito menos dum atrevimento. A Morte cura-se, sim senhor, se não com a mesma facilidade que a gripe ou o reumatismo, com uma relativa facilidade, no entanto. O atrevido, não somos nós, não sou eu, que da Vida e da Morte tenho uma opinião muito pessoal, filha naturalmente dos meus rudimentares conhecimentos de medicina e, sobretudo, da minha despreocupação, do meu despreendimento pela primeira, em favor da segunda. Mas, vamos lá ao suco desta reportagem, se é que ela algum suco tem de verdade.

Ainda não há muito os jornais publicavam o seguinte telegrama:

**Um aparelho que ressuscita os mortos...**

«Nova York, 24 — E esperado, nesta cidade, vindo de Londres, o médico norte-americano Hyman, que diz ter descoberto uma máquina capaz de «restituir a vida». Vai fazer experiências e convidou os parentes de pessoas gravemente enfermas a que o chamem, a fim de impedir o desenlace fatal. A parte principal do aparelho é uma agulha que se crava em determinadas partes do coração e por intermédio da qual se envia àquelle órgão uma série de choques eléctricos, com um ritmo igual ao do pulsar. O dr. Hyman diz que fez muitas experiências em animais mortos

há horas. A circulação do sangue restabeleceu-se e os pulmões voltaram a desempenhar as suas funções. Em dois mil casos, só um não teve êxito».

Como vêem é um médico americano — Dr. Hyman — que se propõe restituir a vida aos mortos usando um aparelho da sua invenção, que em 2.000 casos só uma vez falhou.

É claro que o leitor incrédulo, diz-me-á que tal notícia não deve passar duma americanada como tantas outras, com a mesma dose de exagero, que os europeus estão habituados a não engulir.

Concordo, vou concordar, mas...

...Mas não é o Dr. Hyman o primeiro médico que se propõe fazer o milagre de restituir a vida aos mortos. Já um europeu — um europeu! — clínico austríaco, inventou outra máquina que ressuscita! E o leitor que do Dr. Hyman só conhece o lacónico telegrama de *New York* que as agências jornalísticas atiraram para as linotypes, vai conhecer pormenores sobre o conseqüido pelo *esculápio* de Viena.

Entre os camaradas com que privava em Paris, de tarde nos cafés da rua do Fanbony Montmartre e à noite na vasta e pitoresca sala de La Campole, a Montparnasse, encontrava-se sempre o irrequeto *Robert Guillard*, redactor do *Ami du Peuple* e de mais seis ou sete revistas, do *Detective* e do *Voilà*. Foi elle que me chamou a atenção sobre uma noticia do jornal norte-americano *Evening News* que se referia ao Dr. *Eisenmenger*, médico vienense, perguntando se se tratava dum charlatão ou dum homem de génio, visto ter descoberto um aparelho que ressuscitava os mortos, dizendo-me que nesse mesmo dia um camarada tinha partido para Viena em procura do Salvador (?) com o fim de trazer para os jornais de Paris uma entrevista a todos os títulos sensacional.

Esse colega chamava-se *Tassin* e depois do seu regresso pude saber como tinha decorrido a visita ao mago que desafiava as leis inalteráveis da natureza. Quando *Tassin* pediu para se avistar com o dr. *Eisenmenger*, no Hospital Geral de Viena, recebeu a seguinte resposta que o surpreendeu e quasi fez cambalear e perder os sentidos: — O senhor professor (é assim que é conhecido no Hospital e nos Institutos) pe-

# A morte cura-se?

Dois médicos resuscitam os mortos!

de-lhe o favor de o esperar alguns instantes enquanto elle faz reviver um morto...

A empregada que lhe veio trazer o recado, sem tremores na voz, sem esforço artificial, sem qualquer sombra de emoção, foi assim que falou. O reporter, passado o primeiro momento de espanto, para aproveitar o tempo de espera ou talvez para melhor se certificar da verdade, — da verdade que elle julgava não ser aquella — interrogou como o faria um experimentado agente de policia:

— Diga-me por favor, quem é esse morto?

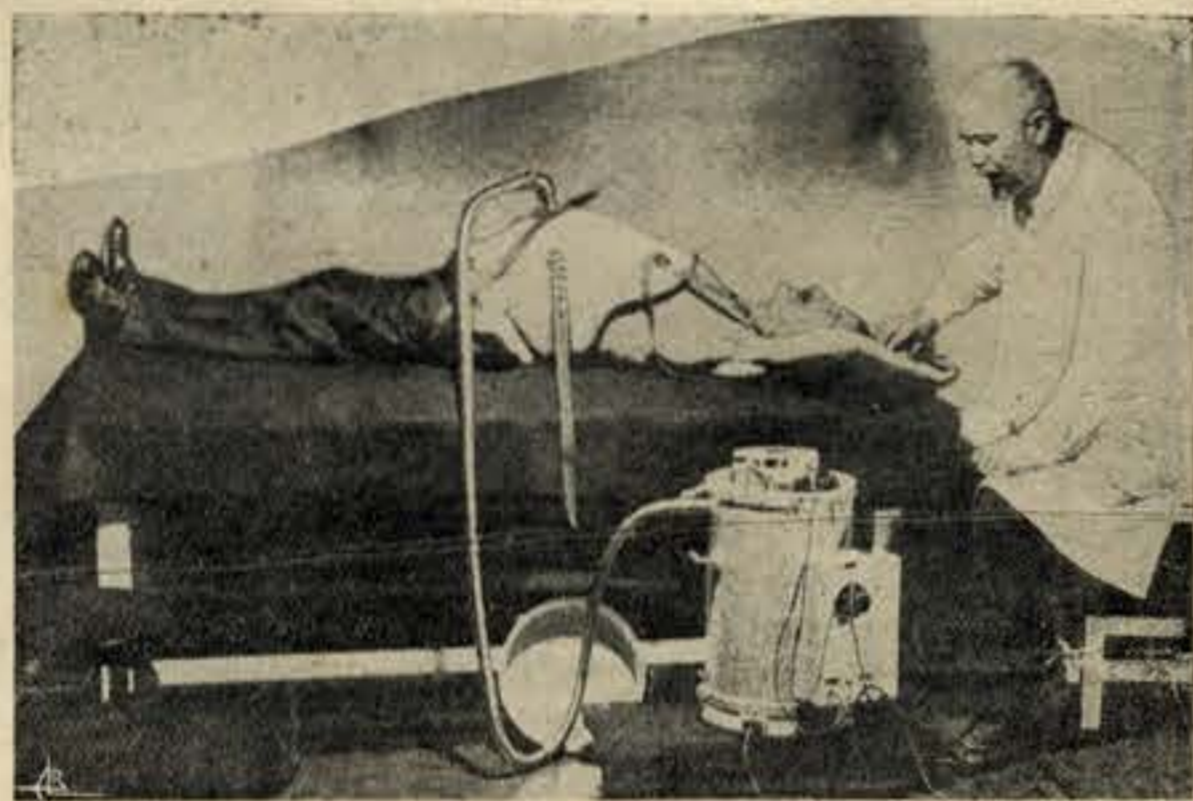
— *Jacob Adler*, negociante de gado, morador na capital, — diz a enfermeira num tom despreocupado, indiferente. O pobre diabo foi vítima dum desastre de automóvel que não o feriu, mas lhe fez uma comoção tão grande que o coração paralizou...

— E não respirava? — perguntou.

— Oh! não; já não respirava quando o colocamos sob o aparelho, mas vai reviver, sem dúvida, antes de 30 minutos, pouco mais ou menos, como os outros...

— E esteve muito tempo morto, sem respirar?

— Vinte minutos, meia hora talvez...



O Dr. Eisenmenger e o seu aparelho

Mais adiante, no extremo da sala, *Tassin* cada vez mais interessado, ouve dois cavalheiros que discutem a experiência.

— Vai ressuscitar, — diz um — como *Maria Eisner*.

— *Maria Eisner*? — perguntou o jornalista francês, interrompendo a conversa.

— Sim, a criada do banqueiro *Adolf Seipel*, rapariga de 19 anos que desgostos de amor fizeram amarrar uma corda ao pescoço e suicidar-se por enforcamento. A lingua saiu-lhe para fora da bôca dando-lhe tôdas as aparências de ter cessado de viver. Já não respirava e o coração não batia. Chamaram o Professor *Eisenmenger* e de-

pois de 40 minutos sob o aparelho, começou a respirar e vinte minutos mais tarde a sua respiração era normal. Em dois dias ficou como era antes do suicídio.

O camarada francês foi em seguida recebido pelo próprio professor que principiou por lhe dizer que não fazia milagres e que o negociante de gado que acabava de submeter à sua máquina já respirava, contando tê-lo vivo dentro de poucos minutos. De facto, é o próprio *Tassin* que conta, passados 15 minutos viu *Jacob Adler* abrir os olhos, levantar-se dum cama de operações e fazer movimentos fracos, como se acabasse de acordar dum péssimo sonho. E do questionário com que metralhou o médico austríaco trouxe para Paris várias respostas que sintetizo numa só:

— O aparelho que se chama **Biomotor** já ressuscitou várias pessoas que casos de paralisia, asfixia por gazes deletérios ou por água (afogados), doentes do coração, pulmões e intestinos, alguns electrocutados e todos os casos de grandes comoções cerebrais.

E a terminar, enquanto se preparava para nova operação:

— Nem agora, nem durante milhões de anos! A morte é a lei da Natureza. O que nasce tem de morrer!...

O camarada francês, no regresso, não se alongou em comentários — tal qual como eu agora ao traçar esta pequenina reportagem.

Os que não são leigos como eu, que aprendem e discutam.

O Dr. *Hyman* e o Professor *Eisenmenger* serão génios ou charlatães?

! A Morte pode curar-se!

EMILIO LOUBET

HONESTIDADE

A meu vêr, a honestidade, quer da mulher quer do homem, ou sob o ponto de vista sexual ou geral, não é senão sinceridade. A honestidade não deve avaliar-se pela qualidade dos actos, mas sim pela concordância entre o que se pensa e sente e o que se faz.

A mulher adúltera não é desonesta por manter relações com um ou mais homens estranhos, mas sim por enganar o seu marido. O empregado infiel não é desonesto pelo facto de se apoderar do que não é seu, mas sim por abusar da boa fé do patrão.

D. Quixote.

CRUZEIRO DA SAÚDE

# A morte de Mario Rosário e de José Climaco

NO mesmo dia, com diferença de poucas horas, chegaram-me as notícias do desaparecimento de dois grandes amigos fulminados por uma morte quasi gémea: Mário do Rosário e José Climaco.

Mário do Rosário era um velho trabalhador da imprensa. Não conheci nunca camarada mais leal, coração mais puro, alma mais nobre! Não posso escrever o elogio da sua competência profissional, porque o seu terreno de acção não era dos que oferecem plasticidade a esse elogio. Sei, sim, que se impoz sempre, que galgou a vida até ao triunfo — exclusivamente à sua inteligência e à sua honestidade. Mas se não posso entronizá-lo naquêles pedestais da celebridade em que se collocam sábios e artistas — posso e devo (devo por *dever*; e *devo* por sentir comovidamente) erguê-lo à admiração de todos porque a sua obra de bondade, a sua obra de tôdas as virtudes morais é tão gloriosa como o mais glorioso dos romances, das estátuas ou dos poemas...

Era um bom, um sincero — mas era o com espontaneidade, com a coragem das exteriorizações mais difíceis, dos sacrificios mais dolorosos. Existe uma bondade admirável — que é a de «não faças aos outros o que não queres que te façam a ti». Na nossa bondade transparece um pouco de comodismo se a compararmos a outra — à que Buda aconselhava aos seus discípulos: «Sêde tão bons como a árvore do sândalo — que até perfuma o machado que a corta!» Mário do Rosário tinha, por instinto essa bondade budista... Não era só bom poupando o inimigo, perdoadando a ofensa, fazendo o que queria que lhe fizessem... Não! Era activamente bom! Perfumava as navalhas que o feriam...

Camaradas de há vinte anos, quando eu rabiscava as primeiras reportagens no «Século» — encontrei-o sempre, inesperadamente, a meu lado — mesmo quando os amigos que não devia faltar — desertavam. Contra tudo, contra todos, contra mesmo os seus interesses mais sagrados — elle esteve sempre comigo, abnegadamente, heróicamente! Ainda há poucos dias recebera do pobre Mário do Rosário uma carta que era um certificado da sua alma, da sua amizade, da sua camaradagem. ¡Pobre Mário do Rosário! O seu

exemplo, a sua vida deviam ser perpetuadas! São tão raros os corações como o seu que a sua memória ao ser recordada suplantara a de alguns génios das letras, das artes e das ciências!

\* \* \*

Li, no placard do «Século» — a morte também repentina, de José Climaco. Era um trabalhador incansável, um teimoso que tudo sacrificou ao seu sonho! Começara como artista — mas aspirava, desde os primeiros vãos — vãos mais altos. Durante anos e anos lutou, lutou frenética e corajosamente, para ser alguém no teatro; lutou contra a adversidade do destino e contra a maldade dos homens! Por fim venceu — mas venceu sem favor — a pulso!

Após inúmeras tentativas injustamente fracassadas, conseguira reunir à sua volta alguns artistas, alguns escritores — e embora sem capital compoz uma peça — trabalhando-a dia e noite: *O Cabaz de Marangos*. Foi em 1926. A revista triunfou a todos os títulos. Climaco ganhou uma pequena fortuna. A partir de então fez, de facto uma obra de empresário e de *metteur-en-scene*... Mas quê! O seu coração estava estourado! Os seus nervos não podiam mais! É quasi sempre assim: O prémio, quando é justo — chega sempre tarde. E que Deus perdoe, se puder perdoar, aos que, numa noite do Carlos Alberto e por uma vaidade tola e cruel, apressaram a sua morte!

¡Pobre Climaco!

R. X

## A Flor Brasileira

REGISTADA

CASA FUNDADA EM 1919

### de AMÉRICO MARTINS

— Merceria, Vinhos e Confeitaria — Grande sortido de bacalhau de tôdas as qualidades e especialidade em géneros de merceria

214, R. Santo Ildelfonso, 216 Pôrto  
71, Largo da Ramadinha, 73



## OS NOSSOS CONTOS

Inédito de LILIKA NAKOS  
(Escritora grega)

## ¡VIVA A LIBERDADE!

**E**RA meio dia. A Sr.<sup>a</sup> *Angeliki*, após os trabalhos de cozinha, descansava no sofá da sala de jantar. Pela galeria envidraçada entrava o sol. «Está um lindo tempo», disse consigo... e suspirou profundamente...

Num compartimento lateral, aprontando-se para sair, vestia-se o marido. «¿Limpaste-me o uniforme?», perguntou êle. Depois entrou no quarto onde estava a mulher e poz-se a escovar-se em frente do espelho. Era um homem alto, moreno, de ombros largos. Tinha a patente de oficial.

A Sr.<sup>a</sup> *Angeliki* pensava noutra coisa. E disse: «André ainda não veio; pergunto cá a mim mesmo onde possa estar... ¡Ah! Jorge, és pouco enérgico para com essa criança...»

O pai não respondeu. Continuava a escovar-se em frente do espelho...

«Sim, continuou a Sr.<sup>a</sup> *Angeliki*, és pouco enérgico, disse-to sempre. Está outra vez a pedir uma boa correção... Já se não sabe sequer o que faz com o dinheiro... Isto há-de acabar mal, verás...»

De súbito o pai voltou-se e deu uma palmada na mēsa: «Ah! já estou farto das tuas eternas lamúrias... ¿Que queres que lhe faça, santo Deus? Bem viste o que deu a correção de ontem... ¡Um dia espatifo-o contra aquela parede, e a culpada serás tu!»

Abotoou o uniforme e saiu com ar aborrecido, batendo com a porta. A Sr.<sup>a</sup> *Angeliki* poz-se outra vez a suspirar abanando a cabeça.

André acabava justamente de entrar, subia a escada. O pai acotovelou o filho e fez de conta que o não via. O rapazote passou-lhe ao lado com ar arrogante de mãos nos bolsos. Devia ter quinze anos. Era um belo rapaz, são, robusto, de olhos vivos e negros. Bôca lindamente desenhada mas já com uma ruga de amargor aos cantos dos lábios. A mãe ao vê-lo saltou-lhe em cima: «Libertino, grandíssimo vadio... Não aparece toda a manhã! ¿E o dinheiro, que fizeste do dinheiro?»

André olhou-a de frente-com um olhar duro... Depois arremessou ao chão cinco dracmas... «Pega, aí está o dinheiro, e cala-te ou ponho-me a andar»...

Fôra de si, a Sr.<sup>a</sup> *Angeliki* quis agarrá-lo e aplicar-lhe talvez uma grande bofetada... Mas André segurou-lhe a mão e afastou-lha com força.

Pôs-se lívido. «Nada disso, disse com voz exasperada e gritante... Bem sabes que não quero que me toquem... Julgas talvez que nasci para te es-

cravo... Pois bem, enganas-te!» Depois, de mãos nos bolsos, foi encostar-se à galeria envidraçada, à *ztamaria*, que dava para o mar...

A Sr.<sup>a</sup> *Angeliki*, sentada a um canto, poz-se a chorar. «¡Ah! hás-de dar cabo de mim...» e recomeçou a queixar-se com voz entrecortada pelos soluços. «Um malvado... Não ter pena da mãe. Não auxiliar a família que o alimenta e veste...» Mas o rapaz, de frente apoiada às vidraças da *ztamaria*, continuava impassível. Olhava o mar, ao longe. «¡Oh! ir-se embora, pensava de bôca cerrada, partir... ir para longe... As recriminações da mãe já não o atingiam. As três irmãs a casar, a sua ingratidão e deveres para com os seus, tudo isso o deixava indiferente. Contemplava o mar e só tinha uma ideia-partir. A mãe, no quarto, continuava a soluçar. Voltou-se e olhou-a demoradamente. Depois, exasperado, procurou o chapéu e saiu batendo com a porta. «¡Estupôr de vida... mas que estupôr de vida!» murmurou descendo as escadas. Num dos degraus havia um vaso de begônias. André com um pontapé, atirou-o ao outro lado do pátio. Uma vez na rua, pôs-se a andar a passos largos, ao acaso. Pensava:—«Sim, é isto, dar filhos à luz para os fazer trabalhar... gozar à vontade... e ter depois alguém a quem oprimir... pois bem, não serei eu quem se prestará a isso? Não serei eu quem vá tirá-los de apuros e dar cabo dos pulmões para dotar essas três pessoas tão insignificantes que são as minhas irmãs... Vou-me pôr a andar... ¡Ah! estou farto disto, farto!».

No caminho encontrou um dos seus camaradas—o filho dum alfaiate. «¿Olá, *Spiro*, onde vais?» perguntou André. Respondeu que tinha afazeres e o pai à espera. «Deixa-o esperar, pedaço de asno. ¿Não és criado dêle, hein?» Atirou-lhe André. «Anda daí comigo. Iremos pelos campos à «cura». *Spiro* teve uma leve hesitação, depois seguiu-o. Fora da cidade encontraram outros dois rapazes. Faziam gazeta e aquestavam-se ao sol, estirados na erva. Um dêles imitava o professor. Depois puzeram-se a relatar os mexericos da pequena cidade. André escutou-os por um momento: «¡Que estúpidos!» pensou, e arrependeu-se imediatamente de ter convidado *Spiro* a acompanhá-lo. Veio-lhe repentinamente o desejo de estar só. Abandonou-os ali e afastou-se a grandes passos.

Chegado a uma colina estendeu-se na erva porque estava um belo tempo. E pensou que à noite seria preciso vol-

tar à imprensa e trabalhar. Tinha sôno, sentia os olhos pesados e os membros quebrantados. «Vão fazer-me estoirar com tal trabalho» disse consigo, e pôs-se a gemer como uma criancinha. Depois olhou ao longe... ¡Oh! que lindas nuvens lá no fundo! ¡E aquele ar fresco após a fétida noite, passada nesse infecto subterrâneo que serve de imprensa! Aspirou a plenos pulmões o ar fresco e adormeceu.

Quando acordou era tarde. ¡Por cima da sua cabeça brilhavam estrélas. E dizer que ainda tinha de ir encerrar-se lá em baixo, onde alguns miseráveis suavam por uma côdea! ¡Encafiar-se naquêle fétido buraco quando a noite era tão bela que dava vontade de chorar!

Teve um arranco de cólera surda contra os pais... sobretudo contra a mãe a quem detestava. Nunca mais ouvir as suas lamúrias... ¡Nunca mais ouvir a sua voz falar-lhe de deveres para com a família!... Pois sim!... Bem podiam todos estar à sua espera! Vingá-la-se-ia. Faltava apenas procurar; achar qualquer coisa que lhes pudesse custar caro... alguma coisa que ferisse em cheio... que os alvoraçasse em extremo... Depois desapareceria. Tinha posto algum dinheiro de parte.

Precisamente naquêle dia, à meia noite, levantava âncora um barco italiano que há alguns dias fundeara no pôrto. Iria procurar o marinheiro a quem já tinha falado... Sim, iria para longe, sem ninguém o saber. ¡Oh! a alegria de não pertencer a ninguém de ter a vida na sua frente...

André ergueu a cabeça e olhou o céu estrelado. Estirou-se com gritinhos de bem estar e sorveu o ar fresco como um jôvem animal. Pôs-se de novo a procurar qual seria a sua vingança... e achou. No alto da penedia havia um rochedo escarpado. Dava do outro lado, a pique, para um mar profundo. Todos os que queriam atentar contra a vida se atiravam dali ao mar... Portanto iria lá, deixaria algumas peças de vestuário para fazer crer que se tinha suicidado... Depois deixaria uma carta, uma carta lacrada, na qual escreveria:—«Estou desgostoso da vida e prefiro morrer desde que a minha própria mai me quis oprimir».

E André, êbrio de alegria feroz, desceu a correr para a cidade. Entrou num pequeno café e redigiu a carta. Depois, subiu novamente e deixou ao pé do rochedo o casaco e o chapéu, colocando a carta de modo a ser notada à primeira vista...

A seguir fugiu.

# DE LANÇA EM RISTE

## Na partida do Cavaleiro

O cavaleiro de triste figura que se vê, na criação genial de Cervantes, perseguindo os rebanhos das campinas que atravessa mais o gordo companheiro, e investindo com os moínhos erguidos na solidão dos montes, simboliza o homem que tem no cérebro o embrião dum mundo novo e dá combate sem tréguas a tôdos os inimigos da perfectibilidade humana.

É um inadaptação aos convencionalismos existentes, que não só não permite que os vícios lhe deturpem o sangue, mas ainda pretende libertar os seus semelhantes da sua garra forte.

Emquanto tôda a gente luta pela conquista dum lugar no banquete da vida, êle, o visionário, procura o sacrificio e o martírio duma guerra sem prémio.

Os moínhos são os preconceitos que se erguem no tôpo da vida, cuja nocividade ninguém reconhece.

Os rebanhos são os hipócritas, os jesuítas, que com a sua aparente humildade e mansidão, corrompem a virtude e falseiam a justiça.

Aquêles que vêm nos hipócritas os inocentes rebanhos que é inútil perseguir; aquêles que vêm nos preconceitos os inofensivos moínhos que não vale a pena destruir — vêm o cavaleiro pelo prisma do ridículo e classificam de loucura a sua atitude transcendente.

¿Mas que importa a opinião do vulgo, que, como o porco, anda sempre com o focinho rente ao chão e, porisso, não dá fé do brilho rutilante das estrélas, cuja própria existência ignora?

A Verdade é uma intuição das almas nobres e não o produto da digestão dum jantar.

E a Humanidade é a dama do cavaleiro, cujo nome invoca ao partir, de lança em riste, para as pelejas inglórias que a consciéncia lhe apontar.

D. Quixote.

# Homens & Factos do Dia Portugal e a Civilização

(CONCLUSÃO)

(CONCLUSÃO)

*de pobres mulheres fornigavam pelas pontes com enormes cargas à cabeça, cambaleantes, com risco de tombarem à água, numa agonia dos esforços sobrehumanos... Mas entre tôdas (e tôdas asfligiam como se estivessem a ser lategadas) houve uma que me cortou o coração: Era uma pobre moça magra, franzina, sem sinal do mínimo vigor muscular. Estava no último período de gravidez... ¡Que brutal não seria a carga com que a afocavam — que as lágrimas marcavam linhas brancas no rosto encardido pelo carvão! E ela lá ia, trémula, dolorosa, estátua do sacrificio — com o filho a amarfanhar-se no ventre, mártir da vida já antes de vêr a luz do dia! E ao longo do cais, homens fortes aqueciam-se ao sol, estirados como no leito, fumando o seu cigarro, dormitando ou discutindo — sem terem quem lhes desse trabalho!»*

*¡Que belo cartaz para o nosso turismo — o deste calvário das mulheres bestas-de-carga!*

REPORTER X.

## O novo decreto de Hitler

Causou profunda sensação nos meios políticos alemães, a lei decretada pelo chefe nazi em que visa principalmente os viajantes que percorrem Portugal nomeadamente o Pôrto. Hitler soube que o Restaurante Monteiro sob a gerência de António Bonifácio Junior, da rua do Bomjardim n.º 46, estava a servir uns almoços e uns jantares que eram a 8.ª maravilha do Mundo, e, como tal, deve ser o preferido por todos os patriotas.

## Leiam no próximo número

**Grande reportagem da Assembleia Geral da Lutuosa de Portugal.**

**Novo e sensacional relato das atrocidades cometidas na República de Cuba, América Central, pelo feroz ditador Machado.**

**Proseguimento da campanha sobre os vinhos do Pôrto e Extremadura.**

**Os nossos contos.**

**A sugestiva novela "A última obra do autor desconhecido" por Reinaldo Ferreira.**

**Revelações inéditas sobre o "Crime da Poça das Feiticeiras" relatadas pelo nosso enviado especial a Coimbra.**

**Os operários da "Empresa de Lousas de Valongo" e o sr. Parreira.**

**Em Coimbra, tomam de assalto a Cooperativa de Pão "A Conimbrense", etc., Etc.**

falecido conselheiro Luciano Cordeiro, que era seu secretário perpétuo, encarregada de visitar o Promontório de Sagres e fazer as pesquisas necessárias afim de encontrar vestígios da falada Escola. Pois a comissão regressou desolada: Não encontrou um simples capitel ou astrolábio que lhe desse a certeza da existência da famosa Escola.

E num rápido raciocínio:

Se também não foi possível encontrar-se os portolanos da época, que disseram ser de pergaminho, como poderemos acreditar nessa Escola.

O jornalista circundou a figura do Infante. E com o mesmo entusiasmo o professor Batalha elucidou-o:

— Preciso que o meu caro amigo faça salientar no *Reporter X* que com este pensamento não pretendo denegrir a figura do Infante D. Henrique. A sua obra foi grandiosa e merece ser enaltecida. Portugal com as suas navegações salvou a Civilização moderna à custa, no entanto, da sua própria ruína. Foi grande o Infante e a sua obra. Mas uma coisa é o Infante, outra a Escola de Sagres. Eu duvido desta, mas não deixo de enaltecer a grandiosidade daquela.

— ¿Mas Portugal arruinou-se?

— ¡Não o duvide! Pelo espirito de aventura e de ganhuça, lançamo-nos às descobertas. Mas desprezamos as nossas indústria, a agricultura, etc. Salvamos a Civilização, mas não engrandecemos a Nação.

E um dos exemplos é apresentado:

— Até D. Fernando exportamos trigo. Dessa época até à actual só temos importado êsse cereal. Fomos em busca de novos mundos e abandonamos o nosso Portugal.

O erudito investigador repete o velho conceito sobre o assunto:

— A nossa derrota moral e material nos fins do século XVI devera, pois, representar no Tribunal da História o preço glorioso por que pagamos a história da Civilização e do Progresso nas Lutas da Liberdade e do Livre-Exame contra o espirito retrógrado da opressão e do obscurantismo.

A entrevista ia terminar. Já no aperto de mão Ladislau Batalha repetiu:

— Não se esqueça de afirmar no seu jornal: A Escola de Sagres não passa duma invenção de vários historiadores, mas a figura do Infante D. Henrique não merece, por isso, ser denegrida.

O problema aí fica sem eufemismo. O jornalista não é investigador histórico. Reproduz uma opinião tão respeitável como aquelas que lhe são divergentes.

FRED.

## À ÚLTIMA HORA

### ¿NOS MANICÓMIOS HÁ HOMENS SÃO?

### e o Último Milagre de Fátima

Por conveniência de paginação, impossível de resolver a tempo, ficaram compostos êstes dois originaes, motivo porque só no próximo número os publicaremos.

Êste facto que bastante nos desgostou, não nos fará arredar um passo da verdade, antes servirá para completarmos as nossas investigações, ampliando-as como merecem pela sua flagrante oportunidade.

Uma e outra reportagens são absolutamente verdadeiras, estando já confirmado tudo quanto dissemos.



# EUROPÊA

## COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1922

SEGUROS DE INCÊNDIO  
SEGUROS MARÍTIMOS  
SEGUROS DE CAUÇÕES  
SEGUROS DE AUTOMÓVEIS  
SEGUROS DE ACIDENTES DE TRABALHO  
SEGUROS DE ACIDENTES INDIVIDUAIS  
SEGUROS DE ROUBOS E DE TUMULTOS  
SEGUROS DE RESPONSABILIDADE CIVIL  
SEGUROS DE MERCADORIAS E BAGAGENS EM  
SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

SEDE EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 64, 1.º — TELEFONE, 20911

Representada no Pôrto pela firma: — JOSÉ DA SILVA REIS & C.ª, SUCESSORES

Rua da Fábrica, 5 — Telefone, 631

Organize a sua escrita pelo sistema de folhas soltas comprando os livros **NEW WINDSOR Moore's Modern Methods**

Não rasure.  
Empregue:



UM



DOIS



TRÊS

O melhor líquido de safar tinta



MARCA REGISTRADA



SIMPLEX



em vários formatos e desde Esc. 35\$00

# Papelaria Reis

150, Rua das Flores, 160 — Pôrto

O mais completo sortido em Artigos para escritório e Belas-Artes